

O REFLEXO DA ORALIDADE NA ESCRITA: UM ESTUDO DE METAPLASMOS EM TEXTOS ESCOLARES DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

THE ORALITY REFLEX IN WRITING: A STUDY OF METAPLASMS IN SCHOOL TEXTS OF HIGH SCHOOL STUDENTS

Susana Menezes Araujo¹, Ormezinda Maria Ribeiro²

¹ Universidade de Brasília (UnB). Acadêmica do Curso de Mestrado em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, da Universidade de Brasília. E-mail: susanamenezes.a@hotmail.com.

² Universidade de Brasília (UnB). Professora Associada da Universidade de Brasília. E-mail: aya.ribeiro@yahoo.com.br.

RESUMO: Apresentamos uma pesquisa realizada com estudantes do primeiro ano do ensino médio, residentes na cidade de Peritoró-MA, de ambos os sexos, e faixa etária entre 13 e 16 anos, com o objetivo de investigar a influência da fala na escrita. Utilizamos como referencial teórico, entre outros, os trabalhos de Antunes (2009), Bagno (2013, 2007), Coutinho (2005), Mattos (2009) que tratam dos assuntos aqui abordados. A partir da análise do *corpus*, observamos a transposição de elementos da fala para a escrita. Entre os fenômenos encontrados nos textos dos alunos destacaram-se: a ditongação, a monotongação, a nasalização, a desnasalização, a assimilação, a epêntese, a paragoge, a apócope, a aférese, a hipértese etc.

Palavras-chave: Língua. Variação linguística. Metaplasmos.

ABSTRACT: We present a research conducted with first year high school students, resident in the city of Peritoró-MA, of both genders, and age group between 13 and 16 years old, aiming to investigate the influence of speech on writing. We use as theoretical reference, among others, the works of Antunes (2009), Bagno (2013, 2007), Coutinho (2005), Mattos (2009) that deal with the subjects discussed here. From the corpus analysis, we observed the transposition of elements from speech to writing. Among the phenomena found in the students' texts were: diphthongation, monotongation, nasalization, desnasalization, assimilation, epenthesis, paralogy, apocope, apheresis, hyperthesis etc.

Keywords: Language. Linguistic Variation. Metaplasms.

INTRODUÇÃO

A Língua Portuguesa é uma língua cuja heterogeneidade é ocasionada por uma série de fatores que tanto podem ser internos quanto externos a ela e que podem afetar seus níveis morfológico, sintático, semântico ou fonético. Dentre esses níveis, o que causa maior notabilidade é o fonético.

Proveniente do Latim, a Língua Portuguesa, desde sua origem, passou por uma série de processos de transformações fonéticas denominados metaplasmos aos quais estão sujeitas todas as línguas naturais. Essas transformações resultaram na língua que temos hoje. Por sua dinamicidade, a língua continua passando por transformações, que afetam sua modalidade escrita o que nos motivou a realizar este trabalho com o objetivo de investigar a influência da fala na escrita de alunos da 1ª série do ensino médio, na cidade de Peritoró-MA, tendo em vista a constatação de recorrentes problemas de escrita resultantes do processo de alfabetização quando se verifica a relação entre dificuldades no processo de aquisição da linguagem escrita e maior grau de variação linguística.

Para vivenciarmos as etapas deste trabalho, primeiramente trataremos da noção de língua, posteriormente falaremos sobre a Língua Portuguesa do Brasil e, na sequência, sobre os metaplasmos. Em seguida, apresentaremos a metodologia adotada e por último mostraremos a análise e discussão dos dados, seguida das considerações finais.

1 A NOÇÃO DE LÍNGUA

Sabe-se que a língua é o meio de comuni-

cação mais utilizado pelo ser humano no processo de interação. Esse instrumento comunicativo se manifesta em distintas modalidades como a modalidade falada, a escrita ou a sinalizada e serve para expressar opiniões, sentimentos, conceitos concretos e abstratos, em qualquer modalidade em que se apresentar.

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos (SAUSSURE, 2006, p.17).

As línguas não são algo estático, pronto e acabado, pelo contrário, são dinâmicas, flexíveis, variáveis, renováveis e, por esse motivo, estão em constante processo de transformações. Tais processos, pelos quais todas as línguas naturais passam, afetam suas modalidades.

A língua falada surgiu muito antes da língua escrita. Essas duas modalidades linguísticas apresentam particularidades que as diferenciam. A primeira, por ser geralmente mais espontânea, está mais propensa a apresentar variações ocasionadas por fatores internos e externos a ela. Já a segunda, por ter sido convencionada uma ortografia oficial, sofre menos influência desses fatores e, conseqüentemente, varia menos.

É comum a criança ou qualquer pessoa que esteja iniciando no mundo da escrita, transpor elementos próprios da fala para a escrita, ou seja, tentar reproduzir sua fala na escrita. Isso

acontece devido ao desconhecimento das características inerentes às modalidades em que uma língua pode se apresentar como a modalidade falada, que corresponde à língua oral (LO) e a modalidade escrita, que corresponde à língua escrita (LE).

Os usos linguísticos nas diferentes modalidades refletem a heterogeneidade inerente às comunidades que as utilizam. Acontece que, por ser mais espontânea, tem-se a impressão de que somente a LO varia o que não corresponde à realidade linguística, uma vez que todas as modalidades apresentam variações em maior ou em menor grau. De acordo com Antunes (2009, p. 207, grifos da autora), “a língua escrita ainda não recebeu esse ‘olhar’ que enxerga as suas diferenças de uso; ou seja, ainda parece subsistir a impressão de uma língua escrita uniformemente, totalmente estável, sem variações”.

É importante que se tenha em mente que a fala e a escrita não são padrões de uso linguístico uniformes, ambas irão variar de acordo com a situação comunicativa vivenciada por seus usuários. “Toda fala não é informal ou não é coloquial. Do mesmo modo que toda escrita não é expressa apenas no registro formal. Existem práticas orais informais e outras, formais; o mesmo acontecendo com a escrita” (ANTUNES, 2009, p. 198).

2 A LÍNGUA PORTUGUESA DO BRASIL

O Brasil é um país heterogêneo, composto por uma população proveniente de diversas etnias, pertencente a diferentes classes sociais, com níveis de instruções variados, que habita regiões distintas, entre outros. Essa heterogeneidade se reflete no uso da Língua Portuguesa por seus falantes, variando entre grupos sociais, entre regi-

ões, entre pessoas etc. Assim, se pararmos para refletir sobre a constituição da Língua Portuguesa do Brasil, perceberemos que ela já nasceu com a característica da diversidade, visto que nossa língua materna é formada por elementos das línguas indígenas, das línguas africanas, das línguas de imigrantes.

Diversos são os fatores que contribuem para a variação da língua. Esses fatores podem ser internos a ela, o que ocasiona variação em todos os seus níveis, como o fonético-fonológico, o sintático, o morfológico, o semântico, o lexical e o estilístico-pragmático; como também podem ser externos, como o espaço geográfico, o grau de escolaridade, a faixa etária, o sexo, o status socioeconômico, a profissão, as redes sociais, acarretando divergências de uso.

De acordo com Bagno (2007), a variação no uso da língua não ocorre somente entre grupos sociais ou comunidades diferentes quando comparados entre si, mas também em um mesmo falante, quando esse muda seu modo de falar de forma mais consciente ou menos consciente, de acordo com a interação sociocomunicativa na qual está inserido. Essa variação do comportamento linguístico diz respeito ao monitoramento estilístico, ou seja, quando usamos a língua, seja na modalidade falada ou escrita, monitoramos esse uso em função de nossos interlocutores e das situações comunicativas que estivermos vivenciando.

Para os sociolinguistas não existe falante de estilo único, pois cada falante varia sua maneira de falar, independentemente do seu grau de escolaridade, classe social, faixa etária, sexo etc. trata-se de um comportamento adquirido no convívio social. Toda língua varia, a variação é uma característica própria das línguas naturais e pode

se manifestar de diversas formas. Assim, a variação linguística pode ser classificada em: variação diacrônica, variação diamésica, variação diatópica, variação diafásica e variação diastrática.

A variação diacrônica corresponde às mudanças ocorridas ao longo do tempo em diferentes fases da língua. A variação diamésica, que será o foco desse estudo, diz respeito às diferenças observadas entre a língua escrita e a língua falada. A variação diatópica corresponde às diferenças que a língua apresenta na dimensão do espaço, verifica-se na comparação entre os modos de falar de lugares diferentes, como as diferentes regiões de um mesmo país, os estados, as zonas rural e urbana. Manifesta-se, entre outros, na divergência de sotaques ou nos distintos léxicos para representar um mesmo referente. A variação diafásica verifica-se nos estilos adotados pelo falante ao usar a língua, que pode ser mais ou menos monitorado de acordo com a situação comunicativa em que estiver inserido. A variação diastrática pode ser percebida no uso da língua por pessoas que pertencem a classes sociais diferentes.

2.1 A NORMA PADRÃO, O ENSINO E A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Durante décadas predominou no Brasil um ensino da Língua Portuguesa voltado para a tradição gramatical que acredita na homogeneidade da língua e se recusa a aceitar algo que lhe é inerente: a heterogeneidade. Ainda persiste em muitas escolas brasileiras o ensino que preconiza uma variedade da língua que se distancia muito da variedade linguística usada cotidianamente por seus falantes em distintas situações. Insiste-se em ensinar a norma-padrão da língua, prendendo-se, desse modo, a um ensino improdutivo, que

não aproveita os conhecimentos que todo falante nativo possui sobre sua língua e seu uso, ensinando aos alunos regras de usos da língua que não condizem com a realidade linguística deles e dos demais brasileiros, nem mesmo dos altamente escolarizados. Para exemplificarmos, podemos recorrer ao ensino do pronome de segunda pessoa do plural “vós”, que continua sendo ensinado em algumas escolas, mas já não faz parte do vernáculo brasileiro, podendo ser percebido, ainda, em textos formais escritos ou em situações de fala com alto grau de formalidade.

A língua falada possui características próprias que divergem das características apresentadas pela modalidade escrita no Brasil, o que não significa que essa modalidade também não apresente variações. Acontece que é por meio da fala que os usuários de qualquer língua se comunicam mais. O uso da modalidade falada diariamente pelos brasileiros está tão impregnado que, muitas vezes, eles transpõem elementos próprios da sua fala para a sua escrita e nossos alunos não estão isentos disso.

A transposição de elementos próprios da fala para a escrita não constitui erros, mas reflexo da língua utilizada pelos alunos nas suas comunidades e grupos sociais, ou seja, seus usos linguísticos se relacionam aos seus antecedentes sociolinguísticos, constituindo-se, desse modo, como desvios da norma-padrão ensinada na escola e não como erros linguísticos.

Como citado anteriormente, foi convencionalizada uma ortografia oficial para a modalidade escrita da língua. A escrita que transgride essa ortografia pode ser considerada como erro, o qual deve ser corrigido pelos professores. Quanto à LO, o professor pode e deve interferir na oralidade dos seus alunos, mas de maneira a mostrar-lhes

que existe mais de uma possibilidade de usar a língua, apresentando-lhes outras variedades linguísticas e deixando claro para eles que deverão adequar o uso da linguagem em conformidade com a situação comunicativa.

A variação linguística não acontece de forma aleatória ou desorganizada, mas sim de forma sistematizada. Do mesmo modo, os desvios realizados pelos alunos na escrita obedecem a regras sistematizadas.

3 FENÔMENOS FONÉTICOS: OS METAPLASMOS

Por serem dinâmicas, as línguas sofrem, constantemente, transformações que podem afetar seus níveis semântico, sintático, morfológico e fonético. No nível fonético, por exemplo, ocorrem os metaplasmos que, segundo Coutinho (2005, p. 142), “são modificações fonéticas que sofrem as palavras na sua evolução. [...] Os fonemas constituem o material sonoro da língua. Este material está, como tudo o mais, sujeito à lei fatal das transformações”. Convém lembrar que, as alterações sofridas pelos fonemas, afetam apenas seu aspecto sonoro, não interferindo em nada no significado dos vocábulos.

As transformações sofridas pelas línguas acontecem de forma gradativa. “Os metaplasmos distinguem as possíveis mudanças que, ao longo do tempo, ocorrem com os sons da fala de uma língua sujeita a fatores que apressam as transformações linguísticas” (MATTOS, 2009, p. 32).

Os metaplasmos podem se dar de quatro maneiras: por permuta ou transformação; por aumento; por subtração; por transposição. Coutinho (2005, p. 143-148) traz as seguintes definições para os metaplasmos:

a) Metaplasmos por permuta – são os que consistem na substituição ou troca de um fonema por outro;

b) Metaplasmos por aumento – são os que adicionam fonemas às palavras;

c) Metaplasmos por subtração – são os que tiram ou diminuem fonemas à palavra;

d) Metaplasmos por transposição – são os que consistem na deslocação de fonema ou de acento tônico da palavra.

3.1 METAPLASMOS POR PERMUTA OU TRANSFORMAÇÃO

Os metaplasmos por permuta podem ser de treze tipos, no entanto, nos ateremos aqui, somente aos tipos de metaplasmos encontrados no *corpus* tomado para análise no presente estudo. Assim, abordaremos, neste tópico, os seguintes metaplasmos: ditongação, monotongação, nasalização, desnasalização, assimilação, dissimilação, metafonia, palatalização e sonorização.

Percebemos na LO do Brasil uma forte tendência à transformação de alguns sons. A ditongação é um fenômeno fonético que consiste na transformação de uma vogal ou hiato em um ditongo, como acontece no vocábulo *nós*, que normalmente, é pronunciado *nóis* pela maioria dos brasileiros.

Assim como acontece com a ditongação, outro fenômeno recorrente na fala dos brasileiros é a monotongação. Nesse fenômeno ocorre a transformação de um ditongo em um monotongo, ou seja, em uma vogal. Observe os vocábulos *peixe* > *pêxe*; *pouco* > *pôco*; *errou* > *errô*.

Dizemos que ocorre a nasalização, quando o falante pronuncia um fonema oral como nasal: *assim* > *ansim*. Nota-se que a tendência a trans-

formar um som oral em som nasal, acontece mais na fala de pessoas que habitam na zona rural ou que possuem pouca ou nenhuma escolarização.

O fenômeno da desnasalização ocorre de forma antagônica ao da nasalização. Dessa vez, o falante transforma um som nasal em um som oral como na palavra *garagem* que é pronunciada *garage*. Pode ocorrer ainda nos verbos terminados em -AM: Eles *entregaro* a chave / Eles entregaram a chave.

A assimilação é a transformação de um fonema em igual ou semelhante a outro existente no vocábulo. Um tipo de assimilação é a redução do gerúndio (NDO) às consoantes (NO); esse fenômeno acontece devido ao fato de ambos serem produzidos na mesma zona de articulação, como no exemplo falando > *falano*.

A dissimilação, contrariamente à assimilação, é a diferenciação ou queda de um fonema por já existir outro igual na palavra como se dá com itinerário que se transforma em *etinerário*.

A metafonía acontece quando há alteração do timbre ou altura de uma vogal nos vocábulos como se percebe na palavra menino, que normalmente é pronunciada *minino*.

Um fenômeno fonético que também é comum na fala dos brasileiros, até mesmo daqueles escolarizados, é a palatalização. Esta consiste em palatalizar um som, como acontece nas palavras Antonio > *Antonho*; família > *familha*.

A sonorização é a troca de um fonema surdo por seu correspondente sonoro como nos vocábulos cuspe > *guspe*.

3.2 METAPLASMOS POR AUMENTO

Os metaplasmos por aumento são de três tipos, porém, assim como nos metaplasmos por

permuta ou transformação, trataremos apenas dos metaplasmos encontrados nos textos analisados. Desse modo, destacaremos: a epêntese e a paragoge.

A epêntese ocorre quando há o acréscimo de um fonema no meio do vocábulo. Na nossa língua é bastante comum ocorrer na fala de algumas pessoas, observe: *latinha* > *latrinha*.

Na paragoge acontece a inserção de um fonema no final da palavra como em *variz* > *varize*. Esse fenômeno é mais comum na fala de pessoas com baixa escolaridade.

3.3 METAPLASMOS POR SUBTRAÇÃO

Os metaplasmos por subtração podem ser de cinco tipos, dentre os quais trataremos apenas dos seguintes: a apócope, a aférese, a síncope e a eliminação da marca de plural.

A apócope é um tipo de metaplasmo em que há a eliminação de um fonema no final do vocábulo: *cantar* > *cantá*. Esse fenômeno ocorre frequentemente na fala dos brasileiros, até mesmo dos que possuem nível superior.

Na aférese, ao contrário do que acontece na apócope, a queda do fonema (ou sílaba), ocorre no início da palavra como, por exemplo, a palavra *professora* que se transforma em *fessora*.

A síncope acontece quando há a supressão de um fonema (ou sílaba) no interior da palavra como em *xícara* e *bêbado* que se transformam respectivamente em *xicra* e *bebo*.

A eliminação das marcas de plural ocorre na fala de todos os falantes do português do Brasil, até mesmo na dos altamente escolarizados quando se encontram em situações de informalidade. Esse fenômeno consiste em eliminar o que é redundante na língua. Note o exemplo: Gosto

de pessoas *inteligente*.

3.4 METAPLASMOS POR TRANSPOSIÇÃO

Os metaplasmos por transposição podem ser de quatro tipos, dentre os quais abordaremos apenas a hipértese.

No fenômeno da hipértese ocorre a transposição de um fonema de uma sílaba para outra. Pode ser percebido na fala de muitos brasileiros, até dos que possuem um nível de escolaridade elevado como na palavra iogurte que pode ser pronunciada como *iorgute*.

4 METODOLOGIA

Este estudo resulta de uma pesquisa de abordagem qualitativa e quantitativa e caráter descritivo pautada em análise bibliográfica e em dados coletados em campo. Está dividido em três partes: a primeira apresenta o estado do conhecimento que serviu de embasamento teórico para a pesquisa. A segunda compreende a coleta de textos na escola campo. E a terceira trata da análise dos dados coletados.

Para a realização da pesquisa, utilizamos sujeitos utentes da Língua Portuguesa, dos sexos masculino e feminino, alunos da 1ª série do ensino médio, do turno matutino de uma escola da rede estadual situada na cidade de Peritoró-MA, com faixas etárias entre 13 e 16 anos no ano de 2014. Os alunos residiam na cidade onde se situa a escola campo da pesquisa e também em povoados vizinhos. A sala era composta por 48 discentes, os quais eram alunos de uma das autoras deste trabalho.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Para a análise dos fenômenos fonéticos extraídos dos textos dos alunos, utilizamos a análise qualitativa, pautada em pesquisa bibliográfica. Os textos coletados trataram da produção do gênero textual Lenda Urbana. A partir da análise dos referidos textos, observamos que é comum alguns falantes escreverem tal qual a fala, pois notamos a realização de algumas formas da LO na LE, como as citadas abaixo:

5.1 DITONGAÇÃO

Se pararmos para observar a fala dos brasileiros, perceberemos que é recorrente na fala de muitos deles, inclusive dos que possuem nível superior, uma forte tendência a pronunciar algumas vogais como ditongos. Apesar de ser recorrente na fala, percebemos, a partir da análise dos textos, poucas incidências da ditongação na LE, como se percebe nos exemplos abaixo:

- (1) “Era uma *veiz* o homem da seringa...”
(E.O.F.)
- (2) “... ele já aplicou em várias *pessouas*...”
(E.S.A.)

5.2 MONOTONGAÇÃO

Assim como é comum o fenômeno da ditongação acontecer com frequência na fala dos brasileiros, a monotongação também é um fenômeno característico na fala desses, uma vez que pronunciam os ditongos como vogais. De acordo com Bagno (2013, p. 84, grifos do autor),

[...] o que era escrito e pronunciado OU em pouco tempo passou a ser pronunciado apenas Ô. Só que a

língua escrita não deu conta de acompanhar a rapidez da língua falada, e até hoje a gente tem que escrever *pouco, louro, roupa*, embora já fale há bastante tempo *poco, loro, ropa*.

Em relação ao ditongo Ei, esse só se transforma em E em algumas situações, como diante das consoantes J, X e R.

Notamos, a partir da análise das produções dos alunos, que a monotongação não é comum na LE, pois verificamos poucas ocorrências de monotongos nos textos analisados. Observe os exemplos que seguem:

- (3) “Deram uma *carrera* nele...” (B.V.A.S.)
- (4) “... queria passar para os *otros*...” (P.H.)

5.3 NASALIZAÇÃO

Esse fenômeno é pouco comum na LO do Brasil. O mesmo é estigmatizado e ocorre na fala de pessoas pouco escolarizadas ou sem nenhuma escolarização, ou que residem na zona rural. No entanto, observamos a ocorrência desse fenômeno na produção textual de um dos alunos, observe:

- (5) “... para *invitar* se encontrar com ele...” (M.A.M.)

5.4 DESNASALIZAÇÃO

Há no português falado no Brasil, uma tendência natural a eliminar a nasalidade das vogais postônicas. Desse modo, ferrugem se transforma em *ferruge*. Trata-se da desnasalização, que ocorre também nos verbos terminados em –AM: *Elas fizeram o trabalho / Elas fizeram o trabalho*. O fenômeno em questão teve poucas incidências nas

produções tomadas para análise:

- (6) “O *home* da seringa...” (G.S.)
- (7) “No dia seguinte *viro* ele na rua...” (N.F.)

Esse fenômeno pode ainda se fazer presente nos vocábulos terminados em –ÃO, por isso é comum ouvirmos a pronúncia *orgo* para *órgão* no português não-padrão (PNP). Segundo Bagno (2013), a desnasalização pode acontecer também em alguns substantivos próprios como Airton, que em uma fala descontraída é pronunciado *Aírto*.

5.5 ASSIMILAÇÃO

A assimilação caracteriza-se pela tentativa de igualar fonemas a outros existentes nos vocábulos e é uma tendência muito viva no Português Brasileiro (PB). Os verbos no gerúndio NDO costumam ser pronunciados, até mesmo por falantes escolarizados, quando se encontram em ambientes descontraídos ou em situações de informalidade, com a terminação NO. Outro fator que pode ocasionar essa pronúncia é a fala acelerada.

Embora seja um fenômeno bastante comum na LO, a assimilação do gerúndio ainda não afeta tanto a LE, o que se pode comprovar nos textos analisados em que houve apenas uma ocorrência do fenômeno em questão:

- (8) “... ele chegou *pedino* informação...” (B.V.A.S.).

5.6 DISSIMILAÇÃO

A dissimilação se dá quando o falante transforma um fonema em outro por já existir um igual na palavra, como o vocábulo urubu que é pronunciado *arubu*. Nas produções analisadas

ocorreram poucos casos de dissimilação:

(9) "... a procura desse *creminoso*..." (C.S.)

(10) "*Apariceu* um homem em Peritoró..."

(A.C.A.)

5.7 METAFONIA

É comum ouvirmos na LO do Brasil a mudança de timbre de algumas vogais como, por exemplo, a palavra estrada que normalmente recebe a pronúncia *istrada*. A esse fenômeno dá-se o nome de metafonia e ele ocorre frequentemente na fala de muitos brasileiros. Dos fenômenos elencados para a análise, a metafonia foi a que teve o maior número de incidências nas produções dos alunos. Observe os exemplos:

(11) "... para correr da *pulicia* e ele entrou no mato..." (B.V.A.S.)

(12) "Essa doença é *pirigosa*..." (P.H.)

(13) "... o homem da *siringa aparecessi* mas não apareceu..." (J.G.G.)

5.8 PALATALIZAÇÃO

Um fenômeno fonético que também é bastante comum na LO do Brasil é a palatalização, que consiste em transformar um som dental ou alveolar em uma palatal, como o vocábulo sandália que é pronunciado *sandalha*. Embora seja comum na LO, o fenômeno em questão exerce pouca influência na LE. Nos textos analisados, observamos apenas uma ocorrência de palatalização:

(14) "... penitenciária de Pedrinhas e que *vinheram* para Peritoró..." (A.C.C.S.)

5.9 SONORIZAÇÃO

Na sonorização há a substituição de um fonema surdo por sua homorgânica sonora. Esse fenômeno tem pouca incidência no PB e ocorre normalmente na fala de pessoas que moram na zona rural ou possuem pouca escolaridade. No entanto, observamos que o fenômeno em questão teve mais de uma ocorrência em um dos textos analisados. Veja:

(15) "... uma doença sem *gura*..." (P.H.)

(16) "Mas vou *di*_fala não sei como ele é vivo..." (P.H.)

5.10 EPÊNTese

A epêntese é um tipo de metaplasmo que se caracteriza pela inserção de um fonema no interior do vocábulo e é comum na fala de muitos brasileiros. Como exemplo podemos citar a sentença '*Listra* de compras' ao invés de '*Lista* de compras'. Os textos analisados apresentaram poucos casos de epênteses, observe:

(17) "Essa lenda *comerçou* de um prisidiário..." (M.A.M.)

(18) "... vários presos da penitenciária de *Predrinhas*..." (M.B.N.)

5.11 PARAGOGUE

Já na paragoge o acréscimo de fonema ocorre no final do vocábulo e, ao contrário dos outros tipos de metaplasmos que afetam mais a modalidade falada da língua, esse tipo de metaplasmo ocorre com maior frequência na modalidade escrita da língua. As produções utilizadas na

análise apresentaram um número considerável desse fenômeno:

(19) "... ele já aplicou em várias pessoas por *air...*" (E.S.A.)

(20) "... chegou *ater* aqui em Peritoró..." (H.F.C.)

5.12 APÓCOPE

A apócope se dá pela subtração de fonemas no final da palavra e é muito comum na língua falada, até mesmo na fala de pessoas com alto nível de escolaridade. Embora a LO e a LE possuam características que as diferem, podemos perceber que ambas se influenciam mutuamente. A apócope, por exemplo, é um fenômeno recorrente na LO e, de acordo com a análise do *corpus* coletado, verificamos que exerce forte influência na LE. Note os exemplos:

(21) "... sabia que ia *morre* mais num queria *morre* só..." (G.S.)

(22) "... de pessoas para *pode aplica* seu sangue..." (C.M.R.S.)

Observamos, a partir dos exemplos analisados em todo o *corpus*, que os alunos eliminam a consoante R de todos os verbos no infinitivo, o que é bem característico da fala, mas não marcam a tonicidade na escrita.

5.13 AFÉRESE

A aférese é um fenômeno recorrente na fala dos brasileiros, mas afeta pouco a escrita. Ele consiste em eliminar sons no início das palavras como a pronúncia *brigada* no lugar de obrigada.

Os textos tomados para análise apresentaram poucas ocorrências do fenômeno em questão e, cabe aqui ressaltar, que estas aconteceram somente com o verbo ESTAR. Observe:

(23) "... a polícia *tava* atrás dele..." (G.A.)

(24) "... que *tava* aplicando a seringa nas pessoas..." (E.O.F.)

5.14 SÍNCOPE

Na síncope há uma subtração de sons no interior dos vocábulos e esse fenômeno ocorre na fala dos brasileiros, até mesmo dos escolarizados quando não monitoram suas falas. Como exemplos podemos citar as palavras problema > *poblema*, próprio > *própio*. Observamos, a partir da análise dos textos, que tal fenômeno ainda não é frequente na LE, pois notamos apenas duas ocorrências na produção dos alunos:

(25) "... tirava o *propio* sangue..." (I.V.S.)

(26) "... procurou *dento* dos matos..." (N.F.)

5.15 ELIMINAÇÃO DA MARCA DE PLURAL

No português-padrão, de acordo com os linguistas, quando se trata de concordância de número, seja ela nominal ou verbal, existe algo denominado **marcas redundantes de plural**. Segundo Bagno (2013, p. 50, grifos do autor), "na nossa norma-padrão de português, para indicar que estamos falando de mais de uma coisa, acrescentamos 'marcas de plural' em muitas palavras da frase". Essas marcas modificam classes de palavras como: substantivos, adjetivos, artigos, verbos etc.

O que se percebe na fala atual de inúmer

ros brasileiros, até mesmo dos cultos, quando em situações informais, é que essas marcas de plural usadas em todos os elementos que compõem o(s) sintagma(s) estão desaparecendo. Para Bagno (2013), isso acontece porque o português não padrão é diferente, “ele é mais sóbrio, mais econômico, mais modesto, menos ‘ vaidoso’”. Sua regra de plural é a seguinte: ‘marcar uma só palavra para indicar um número de coisas maior que um’” (BAGNO, 2013, p. 51, grifos do autor).

Essa tendência natural de eliminar o que é redundante na língua falada também ocorre na língua escrita, ainda que numa frequência menor. Nos textos analisados, observamos alguns casos:

(27) “... se nós *tivesse* andando na rua...” (J.G.G.)

(28) “... umas pessoas *estava* com pedaço de pau outras *estava* com facão...” (C.M.R.S.)

5.16 HIPÉRTESE

A hipértese ocorre quando há a transposição de um fonema de uma sílaba para outra em um vocábulo, como no exemplo bicarbonato que pode ser pronunciado *bicabornato*. Os textos analisados apresentaram um número razoável de hipérteses. Atente para os exemplos:

(29) “... alguns homens com pedaços de *tauba* ou algum tipo de arma...” (L.M.M.S.)

(30) “... estava cometendo *estrupos*.” (G.A.P.)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que a língua oral surgiu muito antes da língua escrita e que ambas apresentam

suas peculiaridades. No entanto, embora a língua oral e a língua escrita possuam características que as diferenciam entre si, elas se influenciam mutuamente. Assim sendo, realizamos esse estudo com o objetivo de verificar a influência da fala na escrita.

Dizer que a LO e a LE influenciam-se mutuamente pode ser comprovado no estudo realizado, o qual visou averiguar apenas a influência da primeira na segunda. A partir da análise do *corpus* verificamos elementos próprios da LO na LE, uma vez que das quarenta produções textuais tomadas para a análise, apenas cinco não apresentaram os fenômenos fonéticos abordados.

Observamos que é uma tendência natural dos falantes transporem elementos próprios da língua oral para a língua escrita, pois verificamos a presença de dezesseis tipos de metaplasmos - fenômenos característicos da língua falada - nas produções dos alunos.

Desses dezesseis metaplasmos encontrados nos textos, constatamos, após a análise dos dados, que os que tiveram maior incidência nas produções foram respectivamente: metafofia, com 88 ocorrências; apócope, com 20 ocorrências; paragoge, com 11 ocorrências; epêntese, aférese, ausência da marcação do plural e hipértese, com 6 ocorrências cada.

Os metaplasmos que ocorreram com menor frequência nos textos utilizados na análise foram a nasalização, a assimilação e a palatalização, com apenas uma ocorrência cada.

Percebemos que, das quatro maneiras em que podem ocorrer os metaplasmos, os que acontecem por permuta ou transformação foram os que apresentaram maior incidência nos textos analisados, como exemplos temos: a ditongação vez > *vez*, a monotongação carreira > *carrera*, a

metafonia boatos > *buatos*, entre outros.

Cabe aqui ressaltar que o fenômeno da sonorização teve mais de uma ocorrência, mas apenas em um dos textos analisados como em cura > *gura*. Todos os casos de aférese aconteceram com o verbo estar, como se percebe no exemplo estava > *tava*. A apócope exerceu forte influência nas produções dos alunos e todas as ocorrências

foram com os verbos no infinitivo, porém os estudantes não marcam a tonicidade na escrita, é o que se nota em matar > *mata*.

Percebemos, portanto, a partir da análise do *corpuz*, que a LO exerce influência sobre a LE e que tal influência pode ocorrer em maior ou menor grau.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. *Língua, texto e ensino*: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BAGNO, M.A. *língua de Eulália*: novela sociolinguística. 17ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

_____. *Nada na língua é por acaso*: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

COUTINHO, I. de L. *Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2005.

MATTOS, G. *Fundamentos Históricos da Língua Portuguesa*. Curitiba: IESDE Brasil, 2009.

SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.